



Inspirado na Obra de Manoelito de Ornellas

Gaúchas & Beduínas

Mitos, Lendas e outras Estórias



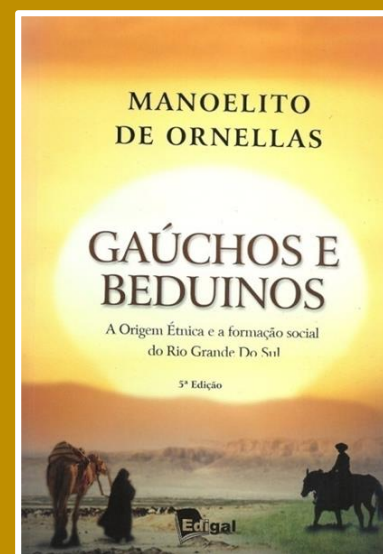
Manoelito de Ornellas (Itaqui, 17 de fevereiro de 1903 -Porto Alegre, 8 de julho de 1969)

Foi um jornalista e escritor brasileiro. Está vinculado à vertente platina da historiografia riograndense, junto com Alfredo Varela.

Autor de diversas obras de cunho sociológico, entre elas a obra fundamental da cultura gaúcha e da cultura brasileira, Gaúchos e Beduínos, considerado um dos dez principais livros da sociologia brasileira.

Homemagem

*Manoelito de
Ornellas*





*Edu da
Gaita*

Eduardo Nadruz (Jaguarão, 13 de outubro de 1916 - Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1982)

Filho de imigrantes árabes, foi um compositor e gaitista brasileiro, artisticamente conhecido por Edu da Gaita, começou sua carreira como um harmonicista prodígio, ao vencer trezentas crianças em um concurso de harmônicas quando tinha nove anos, em Pelotas, no Rio Grande do Sul.

Na década de 1930 mudou-se para São Paulo, onde teve diversos empregos, além do de cantor de tango. Tocou no Hotel Copacabana Palace (Rio de Janeiro), em cassinos e foi solista de orquestra sinfônica. Participou de muitas gravações acompanhando outros músicos.

Em 1957 gravou o Moto perpetuo de Paganini, originalmente escrito para violino e transcrito para a harmônica pelo próprio Edu. Além de gravar como solista, também tocou com o Sexteto de Radamés Gnattali e apresentou-se pela Europa e América do Sul.

Homemagem

Raízes Beduínas para o Canto Gaúcho

*Livre, surgiu no deserto
tripartido por amor
à tenda, à lança, ao cavalo.
Nômade, migrou no rumo
que lhe apontava a inquietude
na sina eterna de andar.
Inconforme o sangue bérbere
o faz aportar na Europa
pra fazer história e Pátria
ao comando de Tarique.*

*Maraghat, margem esquerda
do grande rio solitário
berço dos avoengos
os que de lança e guitarra
traziam desertos no olhar
sob tormentos de cascos.
Os estandartes do Islã
conquistam o Velho Mundo
fazendo casa e quintal
nos altíplanos da Ibéria.*

*Por quase oitocentos anos
beduínos ensinamentos
modificaram a paisagem,
artes, costumes, crenças.
Surge a Espanha sarracena,
fulguram raios de Allambra,*

*lendas, miragens, visões,
lindas moiras encantadas
cantam os cantos dolentes
dos poetas de Sevilha.*

*No silêncio das montanhas,
fixada a alma errante,
vai dar vazão aos encantos
das velhas canções mouriscas
na plagência das guitarras.
O tempo o vai esculpindo
sem olvidar velhas crenças
e um guerreiro libertário
vai-se forjando “al despacio”
no contraponto dos dias.*

*Por instinto e disnatia
cruzou as distintas raças
que foi montando a lo largo.
Mais tarde, Mendonza trouxe
pra pampa sul-ameríndia,
da cruza moura-andaluz,
os potros que alaram homens
que honraram a cor do lenço
e amaram belas mulheres
no intermédio das guerras.*

*Entre Astorga y El Teleno
Leão, provincia espanhola
se aquerenciaram aos poucos.
Bombachas largas, vistosas,
jalecos, faixas bordadas,
botas altas e sombreros,
chasqueiros por profissão.
Arrieiros vagos, no entanto
migram por campos e mares
rumo ao sul americano.*

*Uruguay – la pátria nueva
del señor de lo desierto.
Allí, el gaúcho maragato
aparició en San José,
fita roja en el sombrero
con divisas de muy lejos
“por mi pátria”, “por mi amor”,
“Todo por la libertad”
debajo de un cielo azul
con los sueños por delante.*

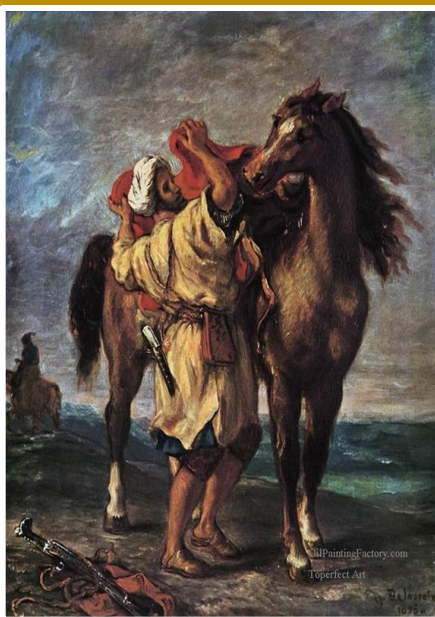
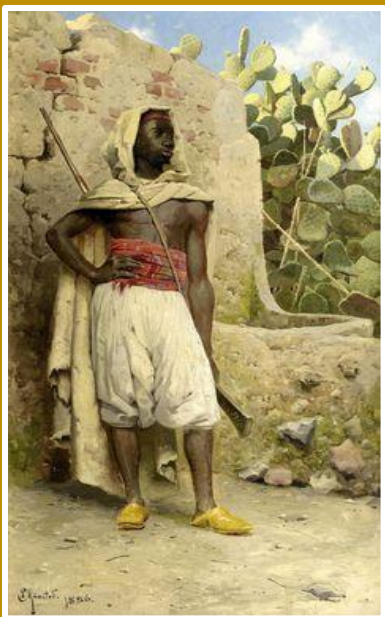
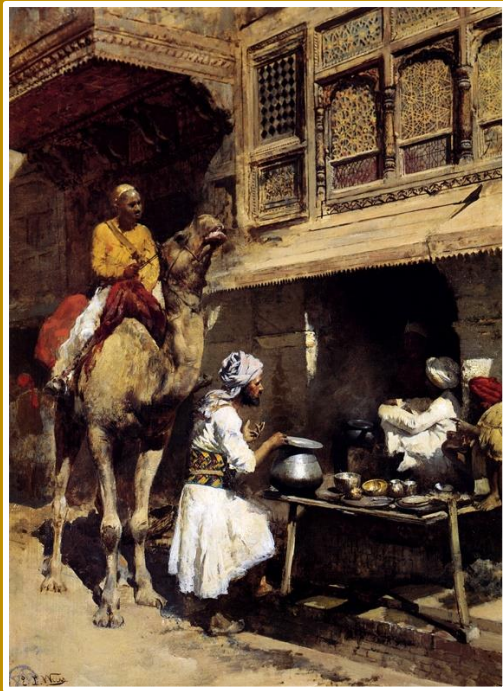
*Argentina, pampa larga,
Também recebe “el moruno”,
cavalgando a “la jineta”
um flete, olhos de águia
força de ventos e rios.
La tierra Sul ameríndia*

*templó aun más su carácter
payador y guitarrero
fuerza y aliento de gigante
corazon y alma de ñandubay.*

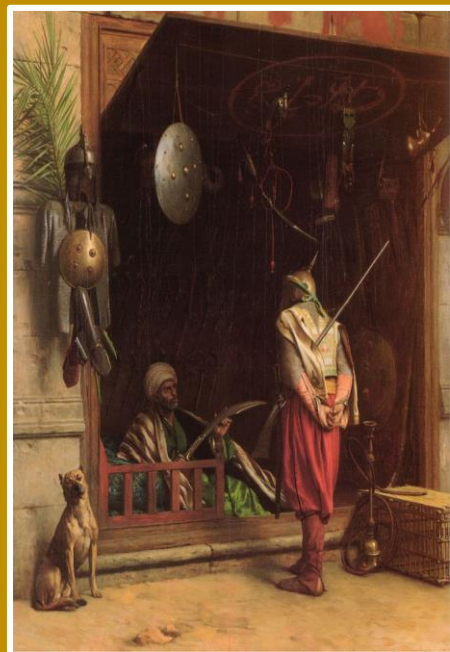
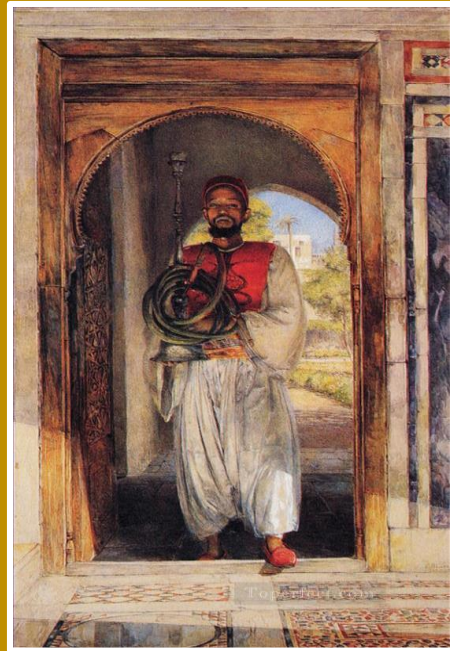
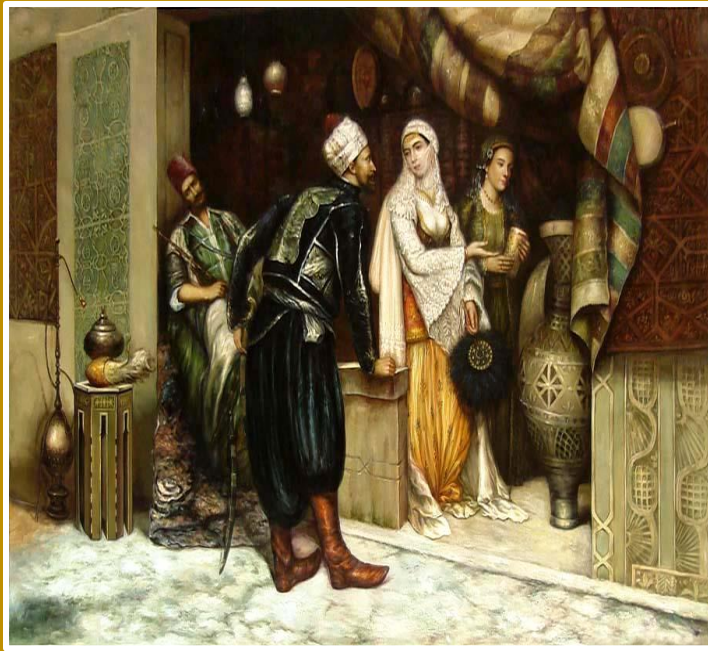
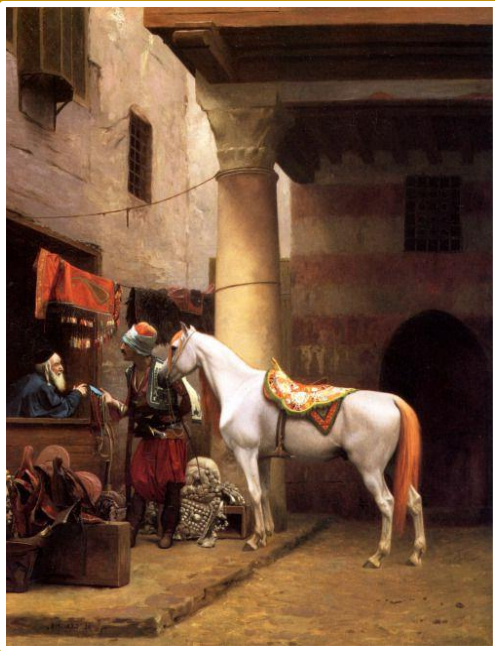
*93, clarinadas
cavalarias em carga
espadas em mãos de ferro
lendárias “divisas rojas”
nas hostes de Gumercindo
invadem a pampa gaúcha
de à cavalo entram na história
viram lendas, causos, mitos,
la gente noble y valiente
rio grandense e maragata.*

*Nos tempos claros de paz
andejos cruzam os campos
dois idiomas para ‘el gaúcho’
três bandeiras, um só canto.
Habitam cifras, milongas
no bojo das andaluzas
que sonorizam a pampa
como a quebrar o encanto
da moura da Salamanca
que se escondeu no Jarau.*

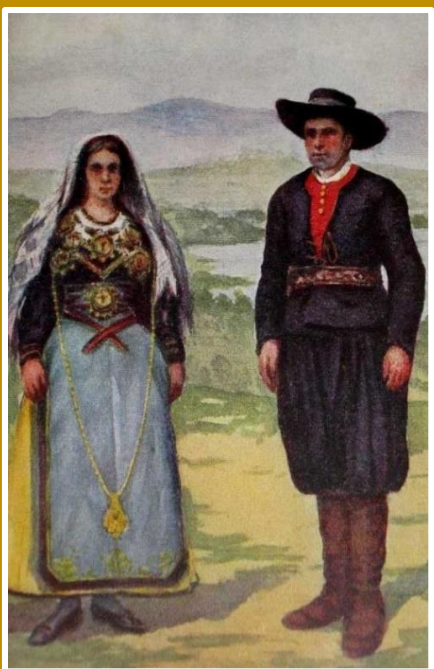
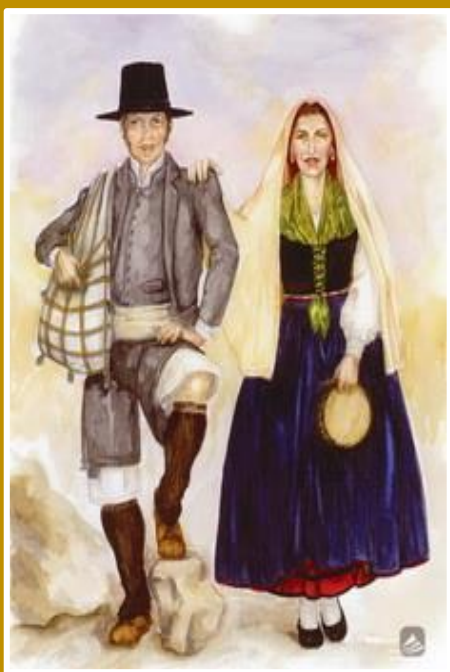
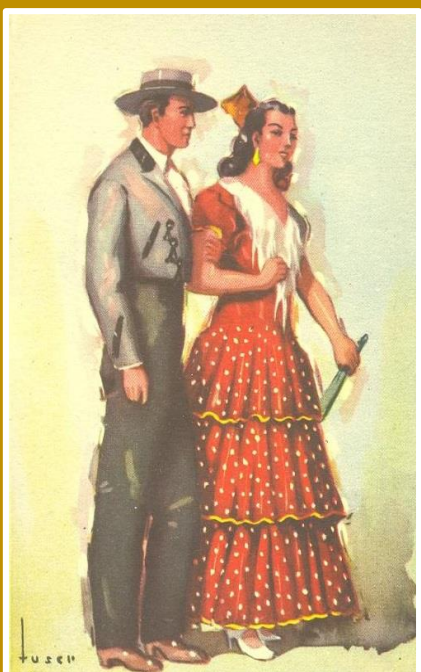
Moises Silveira de Menezes



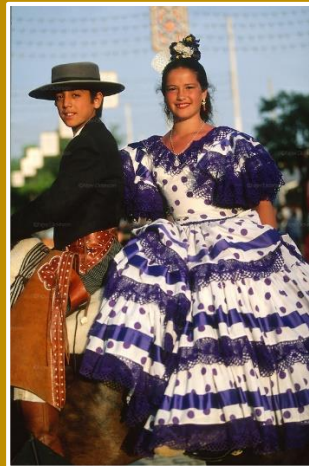
Beduínos



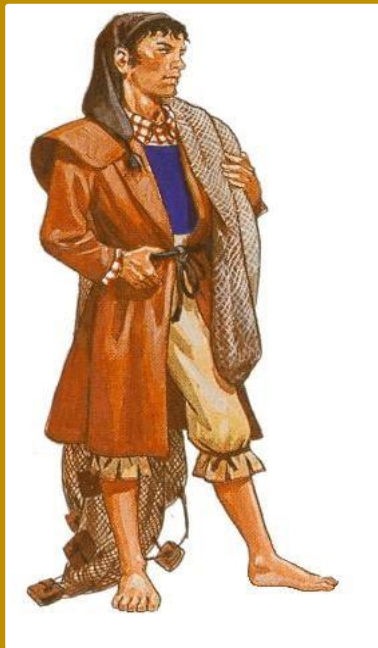
e Árabes

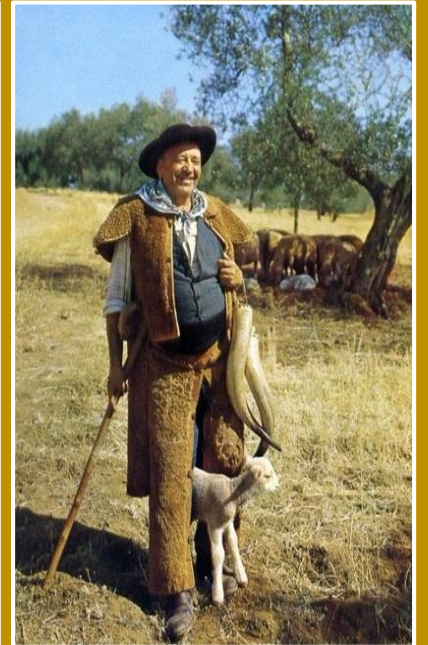
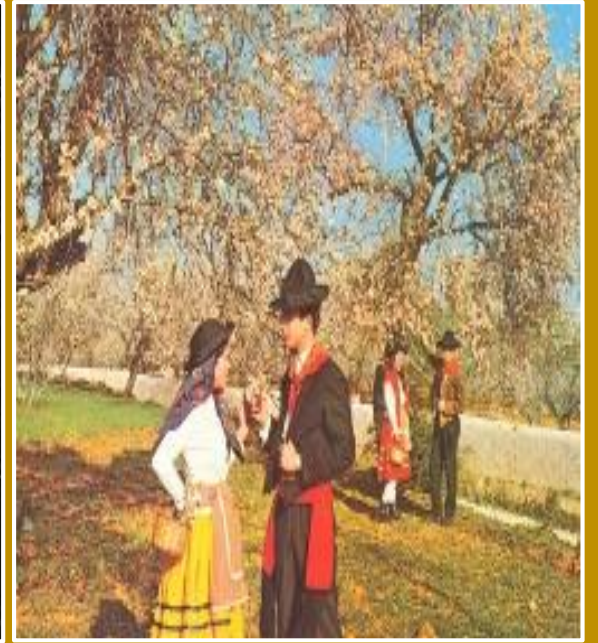


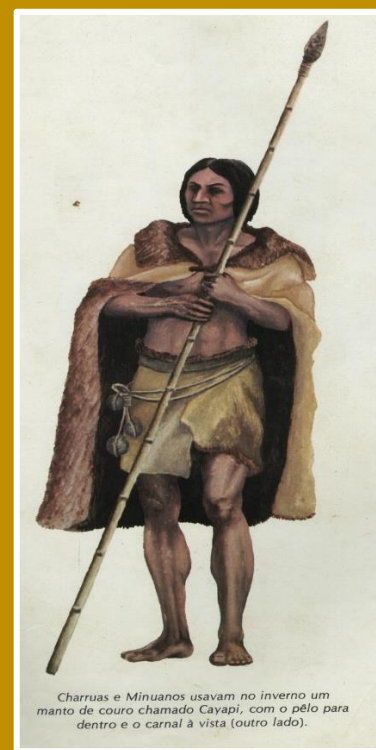
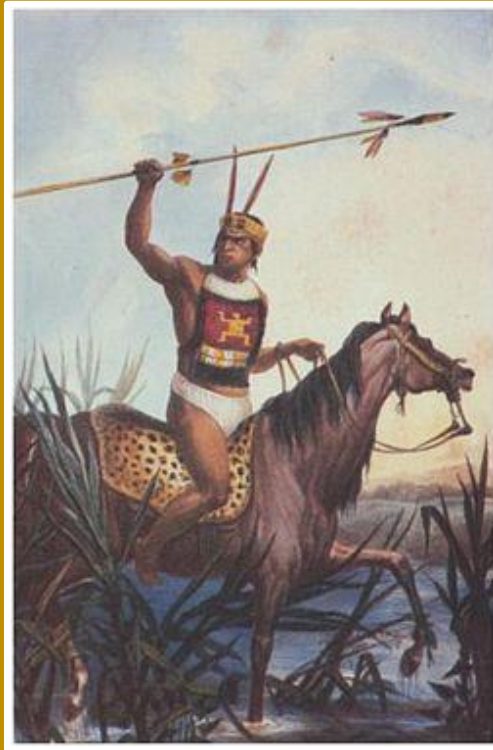
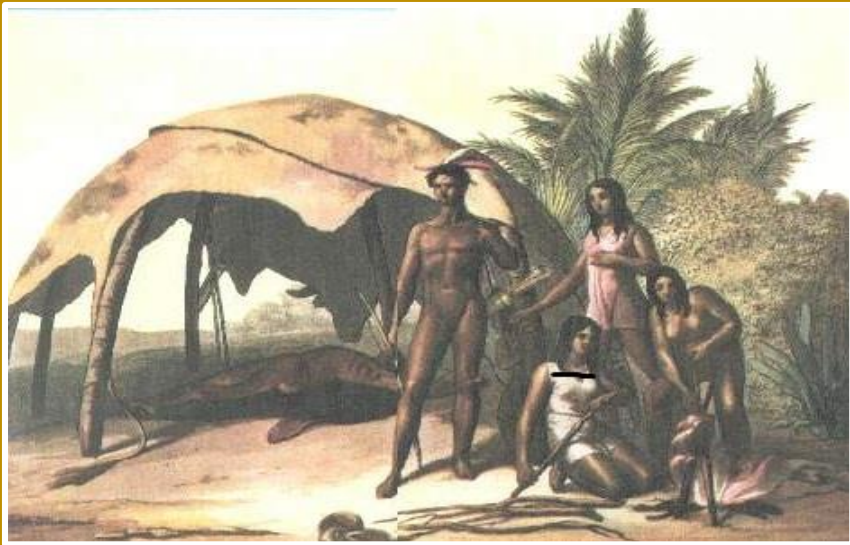
Espanhóis



Portugueses

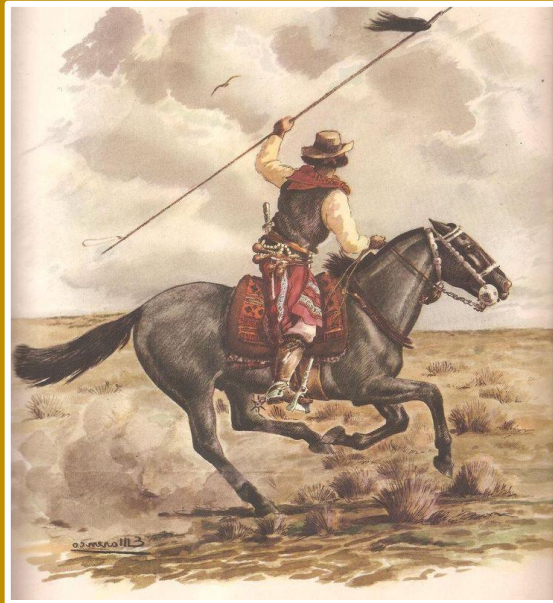
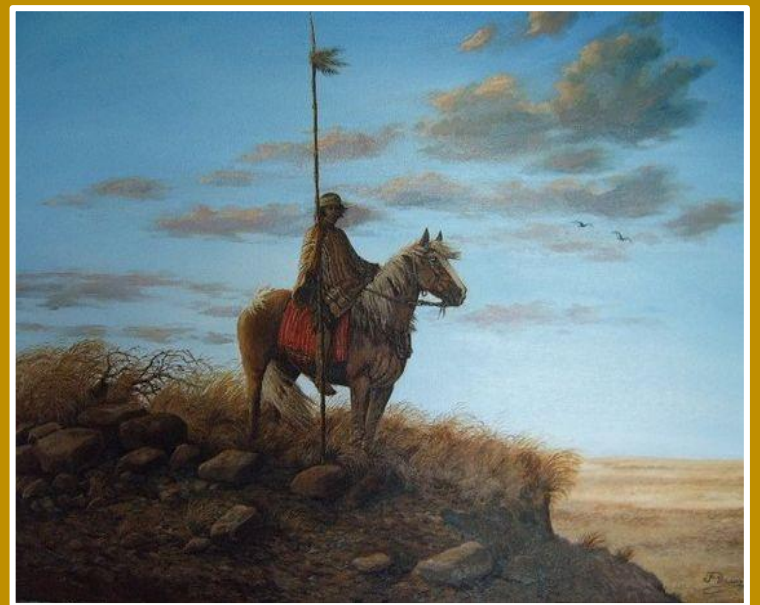






Indígenas





Os de Sabre e os de Lança!!!!!!

*Quando as éguas já não dêem mais potros;
Nem se escutem os relinchos de um cavalo;
Quando nenhum talão de bota bater esporas;
Nem em cumprimento, nem por elegância, bem da Cavalaria!*

*Quando não se levante mais o pó;
Da Cavalaria intrépida em carga;
Quando já ninguém mais compreender nada de cavalos;
De clarins, de sabres e nem de lanças.*

*Quando já se tenham ido para sempre;
Os Centauros, os Ginetes de minha RAÇA;
Os que por honra faziam a guerra;
Os que por amor honravam a PÁTRIA.*

*Os que na luz do sol davam a vida;
E na luz da lua serenatas;
Os de histórias de amores e de entreveros;
OS DE SABRE E OS DE LANÇA.*

*Quando já não se tenham ido para sempre;
Com a glória altissonante dos clarins;
E o último ginete tenha morrido;
Delirando com suas cargas e fanfarronices.*

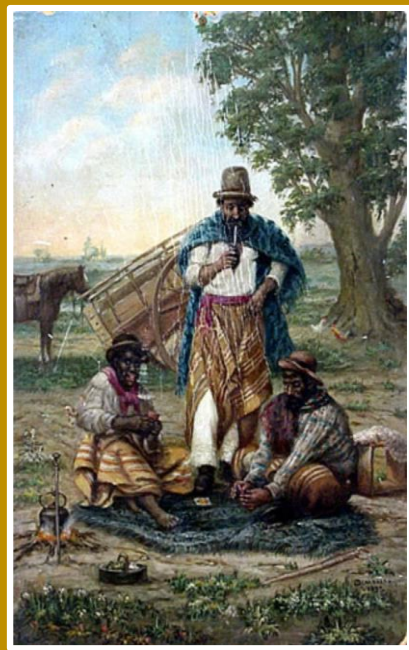
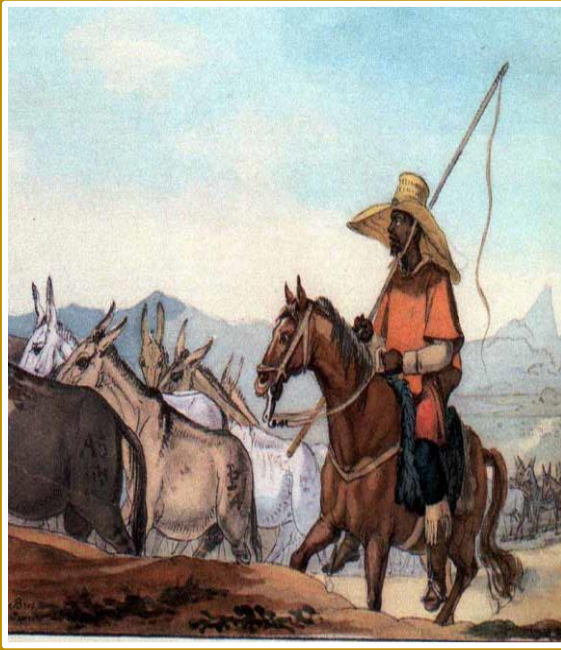
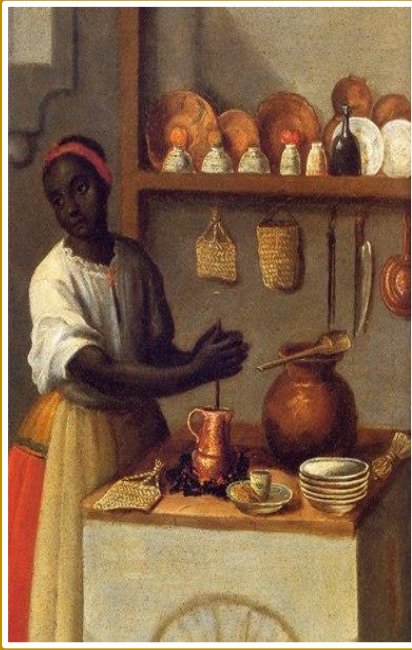
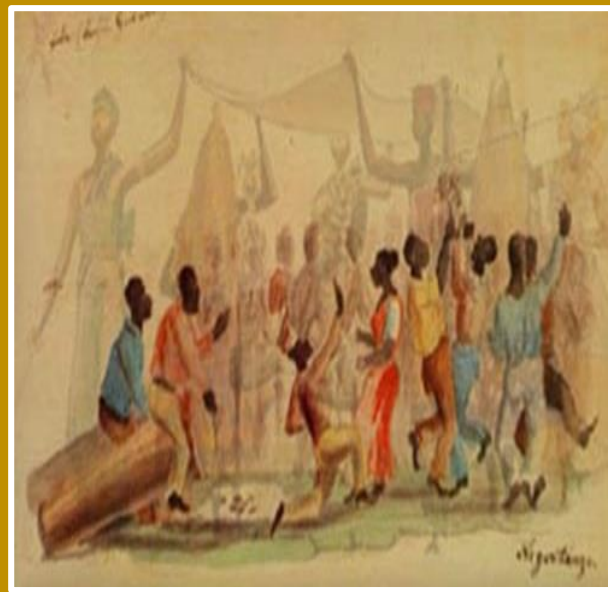
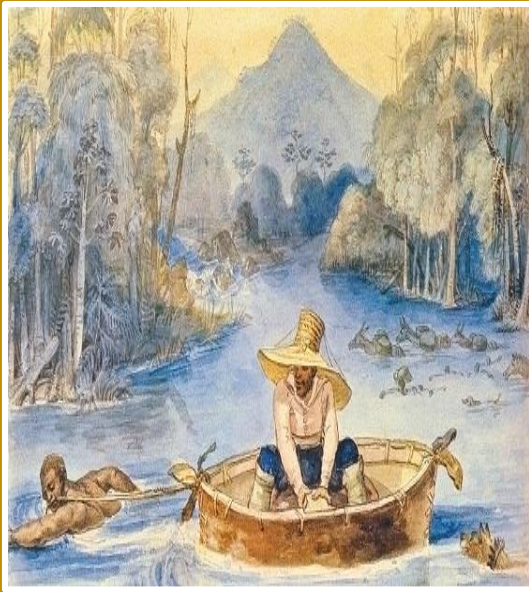
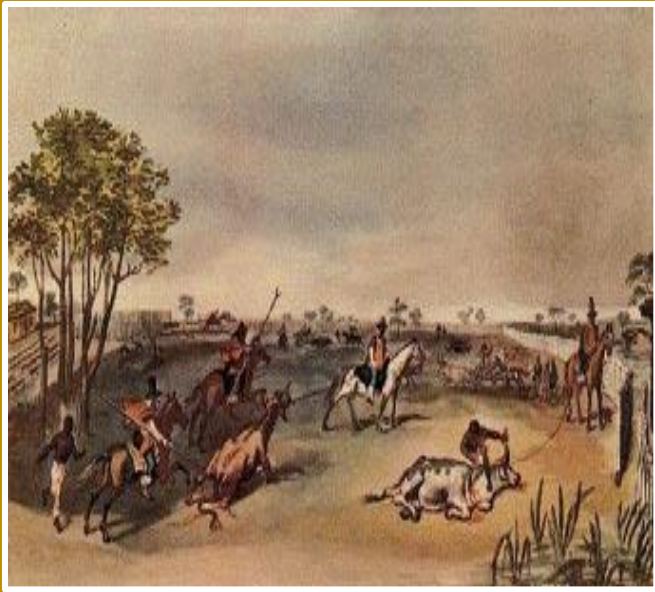
*Eu sei, aonde se poderá encontrá-los;
Com suas cargas, seus cavalos e suas lanças;
E só eu sei onde estarão então;
OS DE SABRE E OS DE LANÇA.*

*Os acharei então no céu da glória;
No mundo infinito das almas;
Porque este mundo lhes ficou muito pequeno;
Para mais céleres de suas cargas.*

*Bem distante estarão os ginetes no vento;
Levando os relâmpagos do céu por lanças;
E ferindo formações de nuvens com seus sabres;
Usando as estrelas como rosetas.*

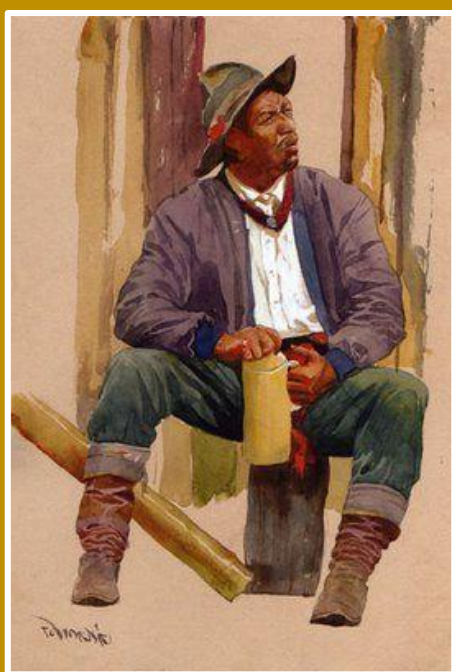
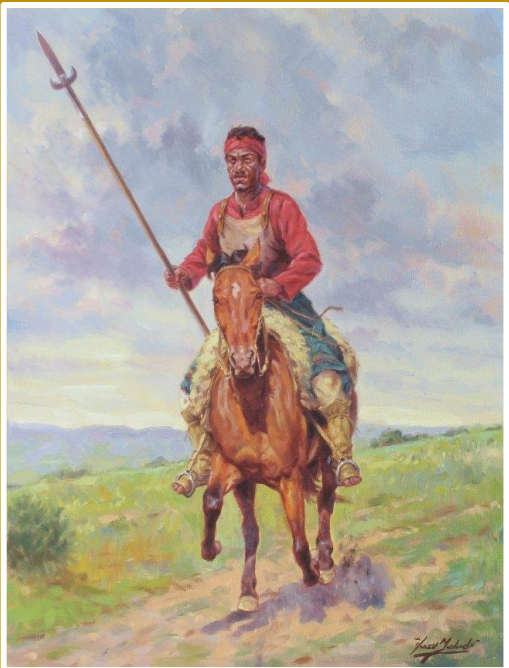
*Fazendo trepidar o mesmo céu;
Em cargas impetuosas, arrojadas e ousadas;
Eternamente para o nada;
Distantes, lá estarão muito próximos de Deus!
OS DE SABRE E OS DE LANÇA!!!!!!*

Autor Desconhecido.



Africanos

Lanceiros Negros



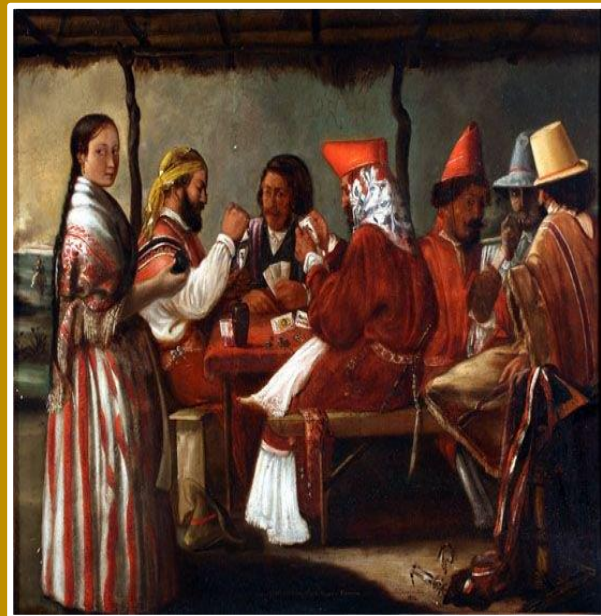
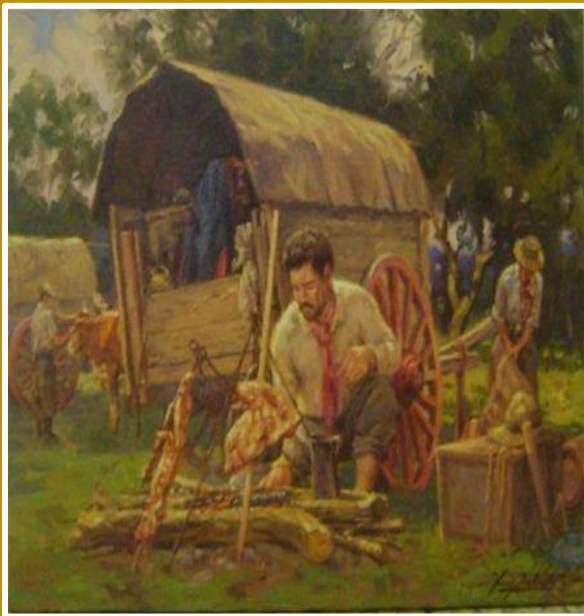
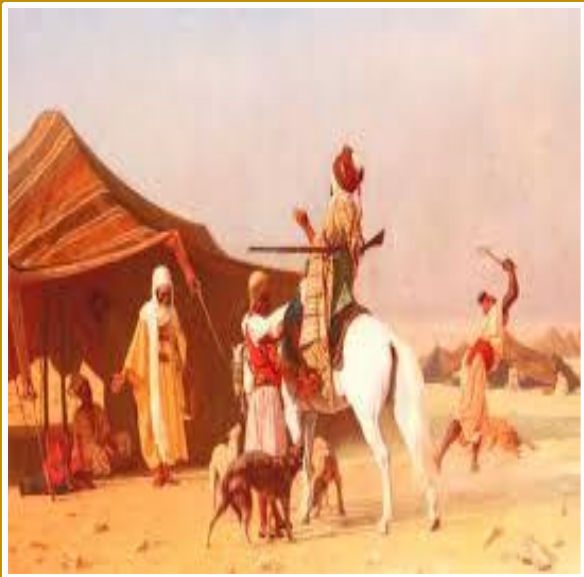
Somos todos Criollos!

Crioulo é o termo usado para designar uma língua que surge da mistura de línguas, em geral um idioma europeu, do colonizador, e outros africanos ou asiáticos, dos povos dominados. Essas línguas crioulas surgiram em regiões do Novo Mundo. A linguística nos aproximou do significado original da palavra “crioulo”, podemos pegar um atalho através de seu significado espanhol. Criollo era o branco nascido nas colônias hispano-americanas, em oposição aos nascidos na Espanha.

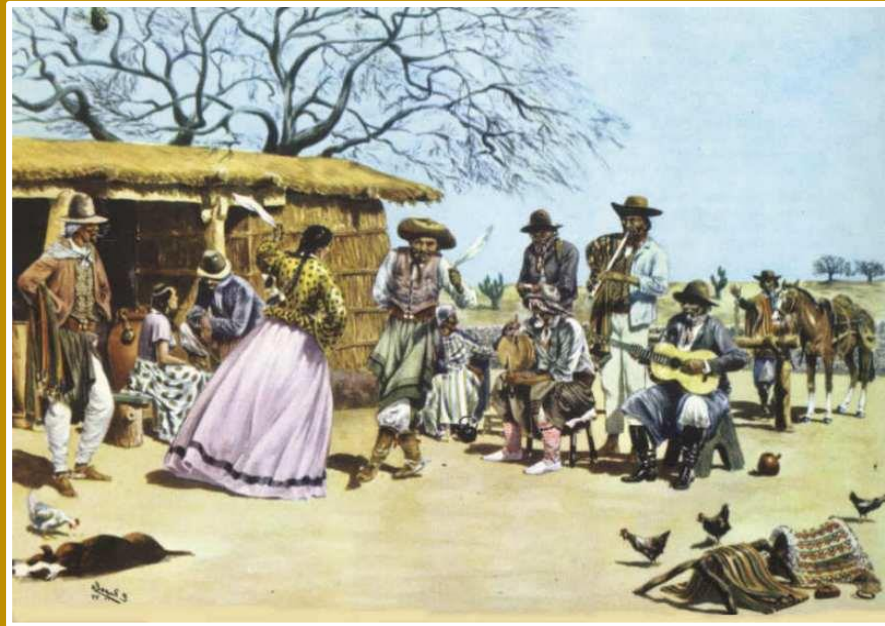
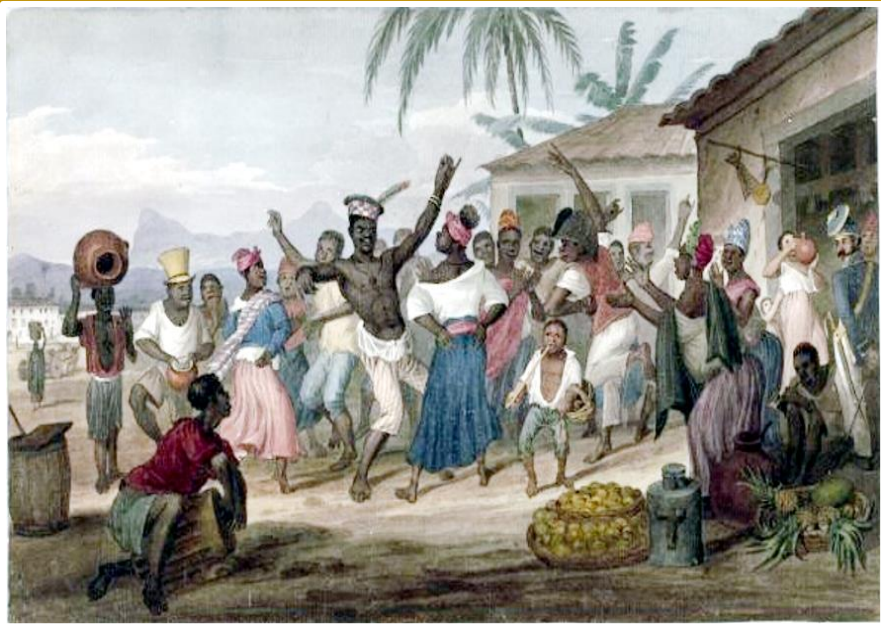
A etimologia mais aceita para o termo tem, de fato, sua origem em “cria”, substantivo derivado do verbo “criar”. A explicação do processo pelo qual se chega a “crioulo” é controverso, mas se acredita que o termo seria usado inicialmente para denominar os animais nascidos e criados na casa do seu dono. A evolução semântica costuma caminhar no sentido do particular para o geral, daí o qualificativo “nascido no lugar” passar a ser empregado também para seres humanos.

No Brasil o termo foi usado com os escravos, assim havia o “escravo de nação” nascido na África e o “escravo crioulo” nascido no Brasil, filho de mãe africana com pai africano ou mesmo com pai capataz ou senhor. Em razão dos maus tratos que os escravos recebiam e do impedimento do tráfico negreiro, em pouco tempo quase todos os escravos passaram a ser crioulos...

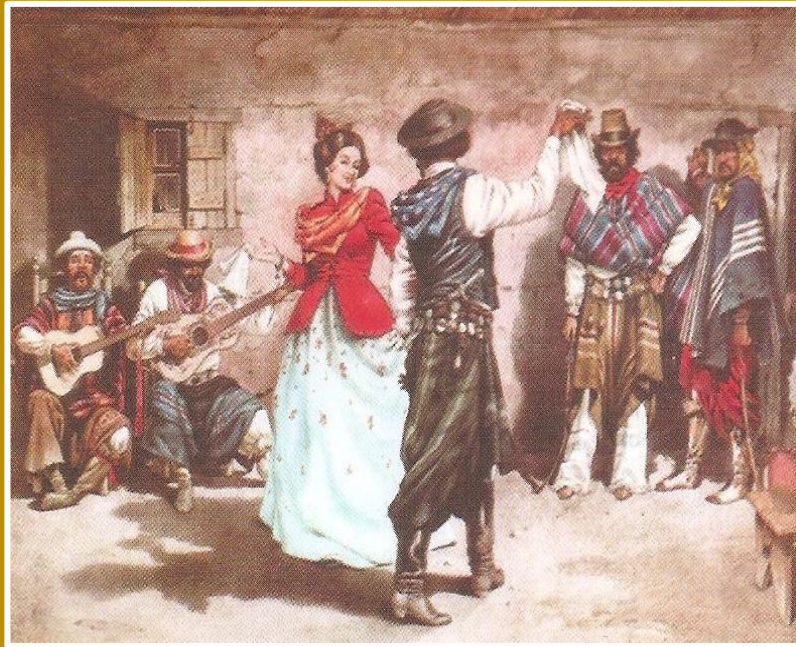
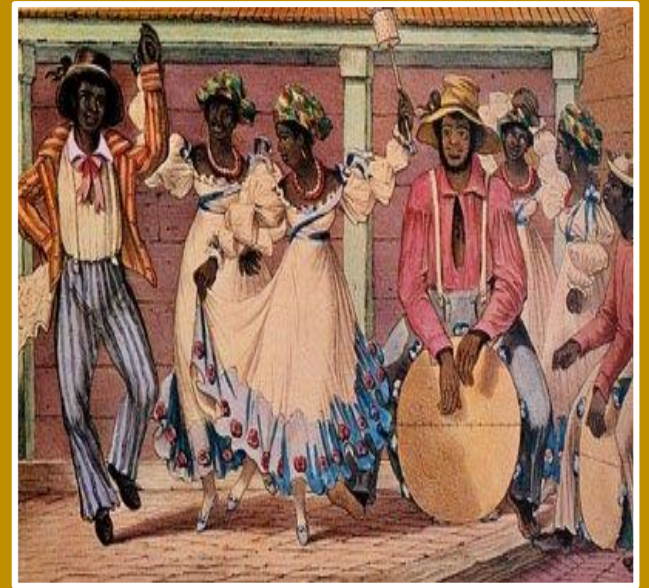
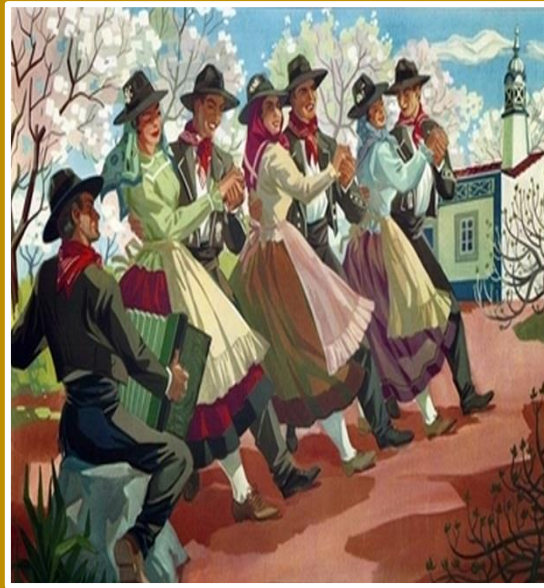
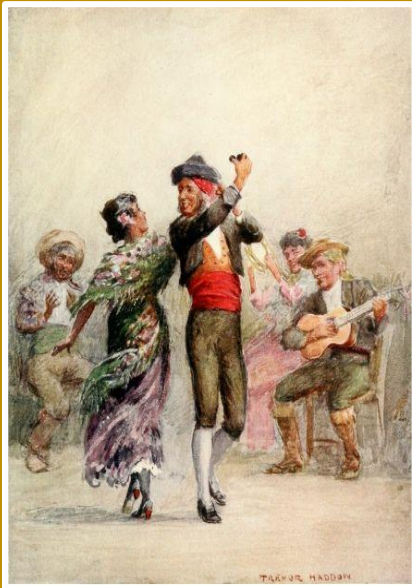
Portanto, se crioulo significava “nascido no exterior” em oposição a “nascido na terra natal” (no caso, África ou Europa), a exceção dos indígenas, essa denominação deve ser aplicada a todos que vieram nascer no Brasil, sejam os filhos de italianos, portugueses, alemães, japoneses, libaneses, coreanos ou poloneses, todos que aqui nasceram e criaram essa sociedade plural e única, enfim somos todos crioulos!!

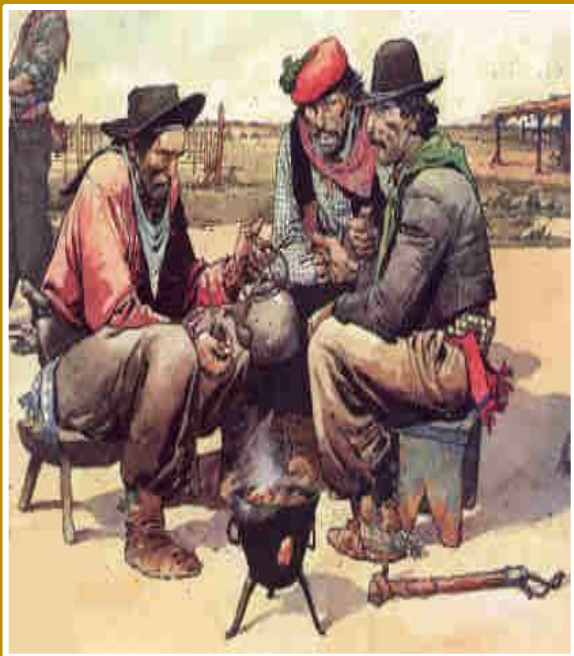
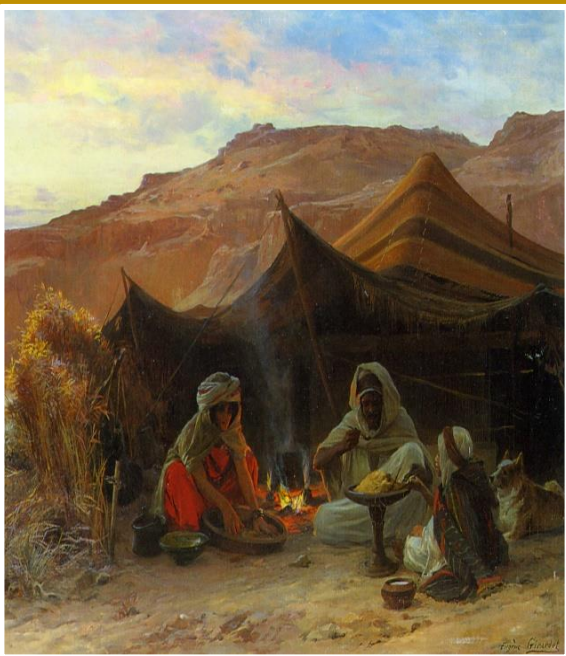


Costumes



Danças





O Chimarrão

Os Sírios e Libaneses são considerados os maiores consumidores de chimarrão no Oriente Médio e talvez até mesmo em todo o mundo, depois dos habitantes da América do Sul, o continente original da bebida preparada com Erva Mate.

No século XIX, o Brasil e a Argentina receberam muitos imigrantes sírios e libaneses que fugiam dos conflitos e guerras civis em seus países. Uma vez instalados aqui, adquiriram vários hábitos locais. Um deles foi o de consumir com frequência o chimarrão.

Quando retornavam às suas terras natais para visitarem parentes, levavam os novos costumes que conquistaram os habitantes locais. O chimarrão foi um dos principais itens desse intercâmbio cultural, principalmente dos que viviam na Argentina. É por isso que a bebida, para eles, remete a momentos felizes de reencontros entre amigos e familiares.

Hoje é praticamente impossível entrar em uma casa síria do litoral, das aldeias do Qalamun ou até mesmo da capital Damasco sem receber as boas vindas com belíssimas badejas de prata com detalhes dourados, sobre elas uma pequena cuia “Joze”, muito menor que aquela com a qual estamos acostumados no Brasil, a bomba “Massa” e o bule de água sempre cheio. Junto à bandeja do chimarrão, parece ser indispensável a presença de bolos e biscoites





O Cavallo

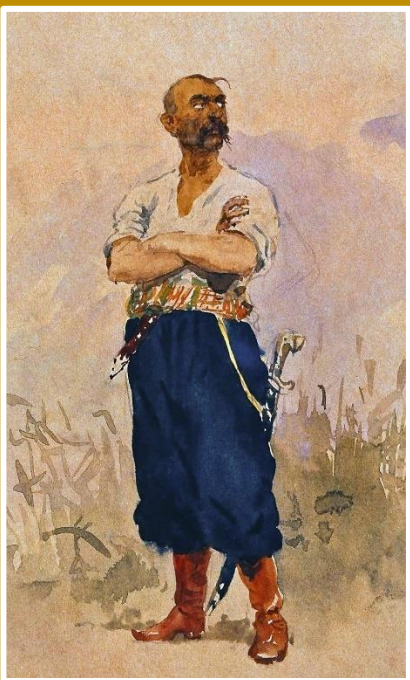
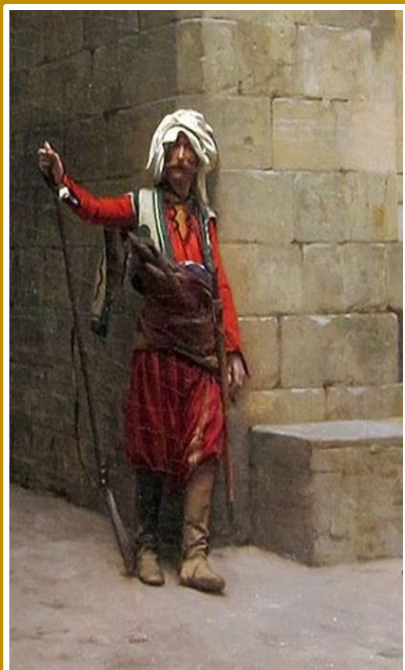
O cavalo Crioulo tem sua origem no território da Península Ibérica. As principais raças de cavalos criadas na região eram originárias de duas principais linhagens encontradas no planalto do Himalaia: o *Equus Caballus Asiaticus* (raça Ariana, que deu origem ao Árabe) e o *Equus Caballus Africanus* (raça Mongólica, que deu origem ao primeiro Bérbere).

O Bérbere habitou o norte da África e, através das rotas migratórias, foi o primeiro a atingir o sul da Espanha. Dada às condições excepcionais do solo e do clima do sul da Espanha, o cavalo Bérbere primitivo teve grande desenvolvimento. Os povos que dominaram a Península influenciaram sua cultura equestre em distintos níveis, sendo que as principais influências vieram dos povos Celta, Cartaginês, Bárbaro e, principalmente, do Muçulmano.

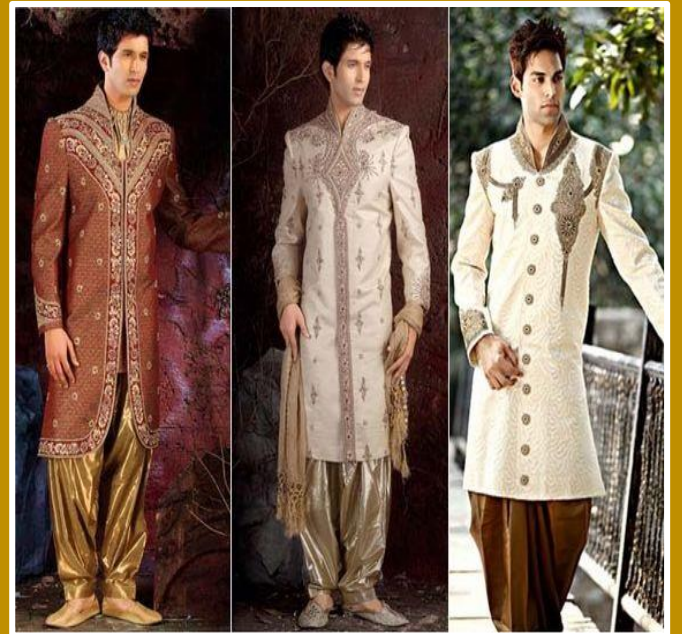
Durante a Reconquista, os cristãos usaram cavalos de grande porte, indispensáveis para suportar a carga dos cavaleiros armados e outra ligeira cópia da notável e aguerrida cavalaria muçulmana, surgindo assim os cavalos Andaluzes. Os cavalos Andaluz e Bérbere foram raças escolhidas para cruzar o oceano com Cristóvão Colombo, na ocasião de sua segunda viagem à América, em 1493. Além de estarem próximos às regiões portuárias de onde as expedições saíam, eram os mais aptos a afrontar as dificuldades do novo continente.

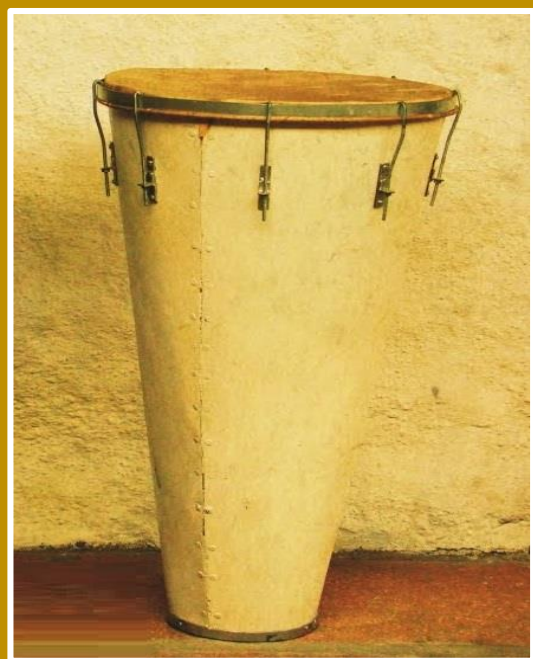
Na expedição de Pedro de Mendonça ao Rio da Prata, em 1535, para fundar Buenos Aires, havia 72 equinos. Outro importante desbravador, Cabeza de Vaca chegou a Santa Catarina em 1541, com 46 cavalos da Espanha. Com eles, atravessou o território brasileiro até Assunção, capital do Paraguai, onde em seguida, os cavalos foram introduzidos no chaco argentino para depois atingirem o Rio da Prata.

A partir do século XVII, muitos cavalos foram perdidos ou abandonados ao acaso. Passaram a ser criados de forma livre, formando inúmeras cavalhadas selvagens distribuídas pela imensidão da América, entre suas cordilheiras e pampas. Durante o período de formação da raça, as inúmeras manadas, espalhadas pelo novo continente, tiveram destinos diferentes. Os Crioulos, da forma como hoje são conhecidos, ficaram concentrados no sul da América, sendo, por cerca de quatro séculos, forjados através da seleção natural: foram perseguidos por homens e predadores, passaram sede e fome e precisaram aquecer temperaturas extremas, desde as rigorosas geadas do inverno até o forte sol do verão.

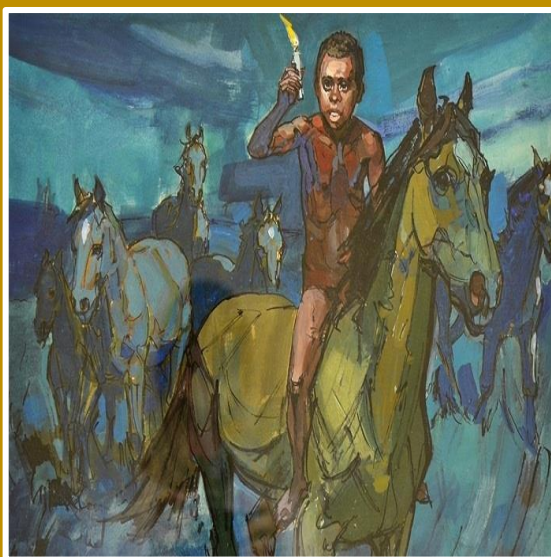


A Bombacha

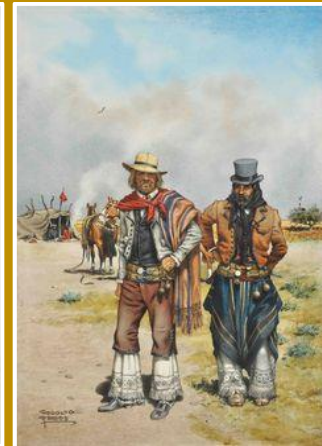
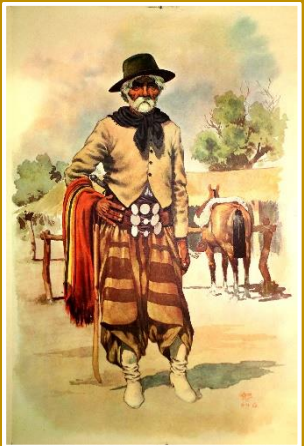
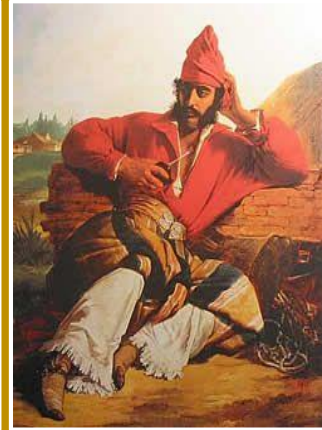
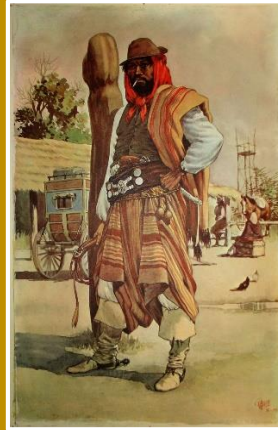
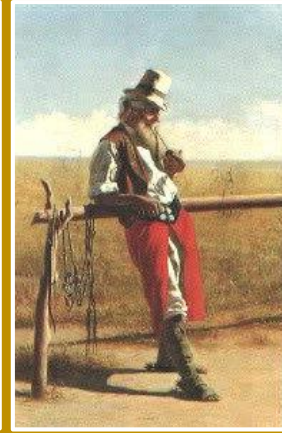
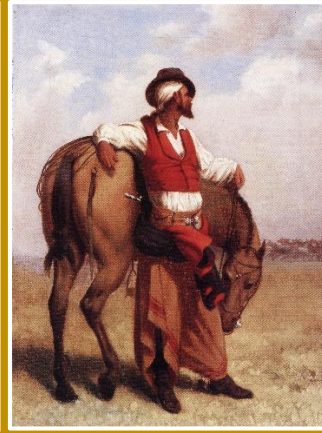
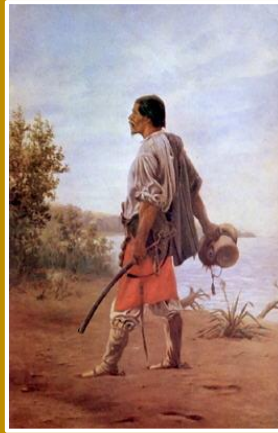




Instrumentos



Lendas



Gaúchhos

Heranças

O Rio Grande do Sul é um cenário onde convivem várias manifestações culturais. A presença de vários grupos cria uma situação onde a integração teria tudo para não dar certo. A presença de índios - os habitantes originais, divididos em várias tribos -, dos vizinhos espanhóis, dos portugueses, dos negros, dos imigrantes, italianos, alemães e árabes, dentre outros, compõe o quadro principal dos habitantes gaúchos atualmente.

O material genético de 150 homens de Alegrete e Bagé, próximos à fronteira com o Uruguai e a Argentina, constataram que, o gaúcho é produto de uma intensa miscigenação entre índios, negros e europeus. A análise do cromossomo Y, transmitido de pais para filhos homens e indicador da ancestralidade paterna, mostrou que 90% dos gaúchos descendem de europeus, mas, diferentemente do que se observa em outras regiões brasileiras, suas características genéticas são mais semelhantes às dos espanhóis do que às dos portugueses. Mais de um fator histórico explica o que a genética registra: a área de constante disputa entre portugueses e espanhóis e os habitantes se deslocarem pelos Pampas sem se confinar às demarcações políticas do território, transitando livremente entre os países. “A fronteira para o gaúcho são os próprios Pampas”,

Pelo lado materno, porém, a contribuição indígena para a constituição genética do gaúcho foi bem superior à média do país – de 33%, segundo estudos da equipe da Universidade Federal de Minas Gerais – e próxima à observada na Amazônia, segundo artigo a ser publicado na Human Heredity. Mais da metade (52%) dos gaúchos tem uma ancestral indígena, 37% são descendentes de europeus e 11% de africanos.

Ao comparar com o material genético de 5 mil grupos nativos das Américas, verificaram que a porção indígena pode ter duas origens: os guaranis, grupo original da Amazônia que migrou para o sul do país há uns 2 mil anos; e os charruas, povo que habitou parte do Rio Grande do Sul e do Uruguai: “Apesar de bravios, há relatos no Uruguai de mulheres charruas integradas às famílias de estancieiros”. Aparentemente, o mtDNA dos gaúchos do pampa se assemelha muito ao dos mapuches, uma tribo que habita os Andes chilenos.

‘Estamos nos deparando com o que se poderia chamar de genomas-testemunho, já que esse DNA mitocondrial pode ser o único testemunho que restou de povos desaparecidos, como os charruas’, diz Bortolini.

Genéticas

Confirma-se a nível genético que o Maragato é uma isolado humano divergente na Península Ibérica. No entanto, o que parece ser verdade é que Maragatos partilham com a maioria dos ibéricos um antigo Norte influência africana. O fato de que essa contribuição norte-africana não ir além dos Pirineus também é contra a hipótese que os Maragatos eram godos que ajudaram os muçulmanos invasores e assumiram a cultura berbere. Os Maragatos compartilham uma genética comum histórica com seus vizinhos, principalmente de Leon, mas também da Galiza e de Portugal. A análise de novas amostras ibéricas também ajudou a esclarecer a natureza e o nível do mtDNA previamente detectado heterogeneidade regional na Península Ibérica. Um estudo com DNA de 1500 voluntários uruguaios de todo país apresentou quase 7% de ancestralidade indígena e 6% do oriente médio. De acordo com os dados genéticos do Uruguai, por linha direta materna (ADNmt), el 35% dos habitantes (equivalente a mais de 1.100.000 de pessoas) representam haplogrupos indígenas.

Se nos debruçarmos sobre o impacto genético dos oito séculos de al-Andalus na genética da população atual, observamos como existe uma certa relação genética entre a Península Ibérica e o Norte de África decorrente sobretudo deste período histórico. Essa contribuição é observada principalmente na região oeste da península, dados que concordam perfeitamente com os registros históricos. Quinhentos anos depois, o genoma espanhol mostra que cerca de 10% da população atual possui características genéticas típicas dos habitantes do norte da África. Nessa altura, um grande número de judeus e mouros expulsos de Espanha refugiou-se em Portugal, provocando desde então uma ligeira "fratura" genética entre Espanha e Portugal. A maior presença em Portugal dos haplogrupos do Norte de África e Mediterrâneo Oriental é o cromossomo africano mais frequente encontrado em nossa amostra brasileira.

A presença do cromossomo no Brasil provavelmente está relacionada a homens ibéricos, uma vez que cromossomos Y berberes típicos foram relatados em populações portuguesas/espanholas. A existência de um fundo genético comum entre berberes e ibéricos reflete provavelmente o impacto genético da ocupação islâmica da Península Ibérica durante 7 séculos (Carvalho-Silva et al., 2001; Lucotte et al., 2001; Bortolini et al., 2004b; Cruciani et al., 2004; Semino et al., 2004; Gonçalves et al., 2005).

MILONGA MOURA

*Um passado otomano, neste sul-americano...
Português e castelhano!
Nessas tendas da fronteira, telas de seda vermelha...
E chibeiros mascateando!*

*A bombacha de riscado! Fundo negro salpicado
Cor do pêlo desses potros!
Um cordeiro bem carneado, o vinho tinto chibeado...
Do agrado desses mouros!*

*Mais de mil e uma noites, e os encantos do Rio Grande
Convidando pra sonhar!
Quando o sonho é verdadeiro, um gênio véio pampeiro
Faz o baixeiro voar!*

*Sabemos muito bem que por aqui também
Circula esse sangue mouro...
No vai-e-vem da linha, a gente troca uns pilas
Por seda, prata e ouro!*

*Quarto de Lua crescente; a Estrela do Oriente...
Neste céu ocidental!
E aquela princesa moura, no corpo de uma serpente...
Lá no Cerro do Jarau!*

*Mais de mil e uma noites, e os encantos do Rio Grande
Convidando pra sonhar!
Quando o sonho é verdadeiro, um gênio véio pampeiro
Faz o baixeiro voar!*

João Stimamílio

*Pesquisa e Elaboração: Tiago Coimbra
Revisão: Luiza Araujo*